

СОДЕРЖАНИЕ
СОДЕРЖАНИЕ
СОДЕРЖАНИЕ

САРПТІІІО 4

Filosofia: elucidações conceituais

Neste texto, pretendemos apresentar um entendimento do que vem a ser a filosofia. Mais que isso, pretendemos abordar o sentido e o significado¹ do exercício do filosofar e do seu resultado para a vida humana.

Para tanto, poderíamos seguir variados caminhos. Todavia, vamos ter de eleger um para desenvolver nossa exposição. Poderíamos, por exemplo, elencar uma série de definições de filosofia apresentadas pelos diversos pensadores ao longo da história das idéias. Assim, tomaríamos definições de Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel e tantos outros filósofos. Apropriar-nos-íamos de suas definições e iríamos, didaticamente, esclarecendo-as. Um outro caminho possível seria tomar uma só dessas definições — aquela que considerássemos a mais adequada — e, a seguir, também de forma didática, dimensionar e esclarecer o sentido de cada uma de suas afirmações, de tal forma que a definição se tornasse completamente esclarecida.

1. O termo "sentido" está sendo utilizado como sinônimo de compreensão essencial e o termo "significado" como correspondente do papel que a filosofia tem na vida humana.

Esses dois caminhos metodológicos de expor o sentido da filosofia poderão ser bastante úteis para aqueles que já possuem alguma iniciação no exercício do filosofar, mas, para aqueles que vão se iniciar nesse esforço, eles apresentarão um caráter um tanto abstrato. Por isso, vamos usar um outro recurso metodológico, a partir do qual exporemos o sentido e significado da filosofia tendo como base tanto o exercício do filosofar como o seu resultado. Essa exposição será complementada com a discussão que será feita no próximo capítulo, onde a questão do método do filosofar será abordada.

Vamos, pois, introduzir-nos na compreensão do que vem a ser filosofia, levando em conta, de um lado, o objeto do seu entendimento e, de outro, a perspectiva pela qual esse entendimento é fundamental para a existência humana, na medida em que ele é "fundador" da prática humana, pois que esta se direciona articulada com aquele. Ou seja, vamos analisar a filosofia como a prática de conhecimento que aborda, discute e reflete os fundamentos da prática humana cotidiana, nas suas diversas dimensões — existencial, política, social, educativa etc.

Em síntese, queremos tratar a filosofia como uma construção intencional e, por isso, crítica, de uma compreensão radical do mundo como um todo, criando princípios de direcionamento da prática humana. Assim sendo, definiremos a filosofia como um entendimento que tem por objetivo uma compreensão do mundo que auxilia o ser humano no norteamo de sua vida. A compreensão filosófica, que cada um de nós vier a assumir, deverá dar direção às nossas ações, sejam elas quais forem, de forma coerente. Ou seja, cada uma das nossas ações será atravessada pela nossa filosofia; nossas práticas adquirem o sentido e o significado que viemos dar a elas.

1. Importância da filosofia

Um primeiro ponto básico a ser discutido, ao iniciarmos a abordagem da filosofia, é sabermos de sua importância.

Torna-se necessário discutir se a filosofia tem algum significado, seja para a vida individual, seja para a vida social. Quando nos detemos a refletir sobre os diversos âmbitos do conhecimento humano, consideramos que todos eles são da maior importância, tais como a física, a química, a biologia, a economia e a história. São áreas do conhecimento que já se tornaram consagradas e, na mente das pessoas, não existem mais dúvidas sobre o seu efetivo valor para a vida individual e social. Ninguém mais questiona a sua validade e a sua importância. Para estarmos cientes dessa atitude das pessoas, basta observarmos que as consequências tecnológicas dessas ciências estão visíveis no dia-a-dia nos produtos materiais e nos meios de comunicação. As ciências estão aí dando suporte ao entendimento e ao desenvolvimento do moderno progresso humano. Devido a essa manifestação diuturna, não ocorrem dúvidas sobre a importância dessas áreas de conhecimento. Elas se traduzem em efeitos tecnológicos absolutamente observáveis e convincentes.

E a filosofia? Possui ela esse valor social visível? Ela também se faz presente em todos os nossos atos?

Nessa discussão sobre a honorabilidade da área de conhecimento, podemos dizer que a filosofia não é admitida como significativa de modo imediato e evidente. Ela não produz resultados tecnológicos e, por isso, não se torna visível de forma observável. Os efeitos da filosofia se fazem presentes na cultura e na ação de um povo ou de um indivíduo; daí não serem facilmente reconhecíveis. Sobre as considerações que a

sociedade e as pessoas têm para com a filosofia, é possível detectar pelo menos cinco atitudes, sendo que as quatro primeiras são negativas e a última positiva. Em primeiro lugar, temos aqueles indivíduos e aqueles grupos humanos que consideram a filosofia como alguma coisa inútil, produto de algumas mentes diletantes e, deste modo, sem nenhum comprometimento com a existência diária das pessoas. Esse julgamento do significado da filosofia é manifesto de diversas maneiras. Assim, existem aqueles que dizem que a filosofia constrói castelos estéreis de idéias e conceitos que servem tão somente para preencher o tempo daqueles que a ela se dedicam. Chegam mesmo a considerar o sujeito que se dedica ao filosofar como um "maluco", um "lunático", um "fora da realidade".

É dentro desta perspectiva que se pode entender a frase popular, corriqueiramente dita no cotidiano das conversas: "Aquele sujeito ali é um filósofo...". Com isso, usualmente, se quer caracterizar alguém que se apresenta, seja na conduta, seja no vestir, ou em outros elementos do dia-a-dia, de uma forma que diverge do comum dos mortais. Esse julgamento será mais exacerbado ainda se o referido sujeito for pouco atento às questões de sobrevivência econômica. Parece que aqueles que se dedicam à filosofia, por si mesmos, não necessitam de meios para sobreviver. Comentário semelhante é feito sobre os poetas, sobre alguém que não está preocupado com os "miúdos" do dia-a-dia tais como "ganhar muito dinheiro", "ter um apadrinhamento" etc. Popularamente se diz: "Aquele é um poeta, está sempre com a cabeça ao vento". Cotados dos filósofos e dos poetas, não é mesmo?

Aliás, esse tipo de julgamento sobre filósofos e poetas não é novo. Conta-se que Tales, da cidade de Mileto, considerado como o primeiro filósofo ocidental,

em torno do século VI antes de Cristo, certo dia estava a andar pela rua e, simultaneamente, a contemplar os astros no céu e, então, não vendo um buraco à sua frente, caiu dentro dele. Uma escrava que passava teria dito coisa mais ou menos assim: "Senhor Tales, como quer ver as coisas do céu, se não consegue enxergar um buraco que está à sua frente?" Tales seria um lunático. Todavia, esquecem-se de que ele foi um comerciante de azeite em Mileto. E... bem-sucedido.

As considerações anteriores nos demonstram que, no cotidiano, as pessoas não valorizam a filosofia como uma forma de saber que tenha um significado definido e importante em suas vidas. Temos que ter clareza que essas manifestações são expressões particulares da forma universal como a sociedade, especialmente pelo seu segmento dominante, vê a filosofia. Há um alijamento do saber filosófico diante da possibilidade de ele despertar a criticidade, devido ao mesmo ter a possibilidade de desvendarem os valores que sustentam as ações, individuais ou coletivas.

Uma segunda atitude em relação à filosofia consiste-se na polidez com a qual, muitas vezes, ela é admitida, sem, contudo, ser levada a sério como deveria sê-lo.

Senão, vejamos! Uma primeira forma pela qual essa polidez universal para com a filosofia faz-se presente em situações particulares pode ser detectada em um momento de convívio social. Em uma roda de final de semana, alguém chega e se apresenta como sendo um profissional da área de filosofia, então, o comentário polido é mais ou menos o seguinte: "Puxa, para trabalhar com filosofia é preciso ter uma inteligência excepcional, pois essa é uma área de conhecimento muito difícil". Há nessa afirmação um elogio para o profissional de filosofia, mas também uma forma de dizer

que não vale a pena tentar se dedicar à filosofia, pois ela é uma área de estudo tão difícil que somente uns poucos privilegiados podem se dedicar a ela. A filosofia, desse modo, não é para todos, mas para poucos. Parece, então, que o comum das pessoas não deve, de forma alguma, dar atenção à filosofia, pois não vai conseguir chegar onde deveria chegar. Elogia-se a filosofia por meio do elogio ao filósofo, porém retira-se a possibilidade de que a filosofia venha a ser alguma coisa interessante e importante para todas as pessoas.

Ainda dentro dessa mesma perspectiva de admitir politicamente essa área de saber, encontramos o fato histórico e social de que as instituições sociais mantêm cursos de formação em filosofia sem dar-lhes condições suficientes de desenvolvimento. As universidades, em geral, mantêm um curso de filosofia. "Fica bem", para elas, mantê-los! Contudo, nem sempre ou quase nunca as efetivas condições de sobrevivência e crescimento desses cursos são garantidas. Praticamente não há verbas para o desenvolvimento de investigação em filosofia, assim como não há condições satisfatórias para o seu ensino. Desta forma, a honorabilidade da filosofia está fundada quase que exclusivamente na sua antiguidade; ela foi a primeira das formas racionais de conhecimento e, aos poucos, as outras formas de conhecimento foram se constituindo. Assim, diz-se que a filosofia foi a "mãe de todas as ciências" e... como "não se joga fora a mãe", também a filosofia politicamente não é posta de escanteio. Ela é cortesmente admitida, mas não levada em consideração.

Tanto uma como outra forma de "polidez" para com a filosofia revela a atitude de quem não penetra no efetivo significado da mesma. São julgamentos que se referem a aspectos absolutamente externos à filosofia e ao ato de filosofar propriamente dito.

Uma terceira forma de conduta em relação à importância da filosofia é a da *blague*. Há uma frase secular e folclórica com a qual se define o que seria a filosofia. "A filosofia — se diz — é a ciência com a qual, ou sem a qual, o mundo continua tal e qual". É uma *blague*. Todavia é uma forma de dizer, brincando, que o exercício do filosofar é uma coisa inútil. Essa *blague* é uma forma de expressar a compreensão de que a filosofia é um modo de conhecer que não se sabe de onde veio nem para onde vai. Ao mesmo tempo que é uma brincadeira, essa definição manifesta uma postura negativa da sociedade em relação à filosofia; na brincadeira, ela é julgada inútil.

Uma quarta atitude paradoxal em relação à filosofia é a que assumem, aqui e acolá, os poderes constituídos. Entendem que a filosofia é uma forma de saber que é perigosa nas mãos dos cidadãos e, por isso, deve ser abolida; mas que é importante nas mãos dos poderes constituídos. Isso foi o que ocorreu no Brasil pós-64, por exemplo. O governo militar brasileiro suprimiu o ensino de filosofia nas escolas de ensino médio e dificultou-o nas universidades. Contudo, investiu em especialistas da área de pensamento filosófico e político-ideológico, encarregando-os do estabelecimento do pensamento filosófico-político norteador das ações governamentais. A exemplo, podemos lembrar que o ISEB (Instituto Superior de Estudo Brasileiro), que se dedicava a estudar este país do ponto de vista de marginalização dos grandes centros, foi suprimido. No entanto, a Escola Superior de Guerra, instituição tipicamente militar, foi incentivada a expandir suas atividades científicas e culturais, no sentido de estabelecer fundamentos ideológicos para o encaminhamento das ações dos governos militares. A filosofia ou é significativa sempre ou não é. Por que seria significativa para uns e para outros não? Ai está o paradoxo. Os cidadãos

comuns deveriam estar proibidos desse tipo de pensamento, porque crítico; porém, os militares deveriam estar instrumentados com um tipo de entendimento filosófico-ideológico, porque possibilitaria o norteamento de sua ação. Curioso paradoxo, não?

Isso não aconteceu só no Brasil. Em todos os países, os governos possuem os centros de pensamento filosófico-político. De Gaulle, na França, serviu-se dos trabalhos da Sorbone, por exemplo; Kennedy, nos EUA, de Harward.

Todas as atitudes em relação à filosofia até agora descritas, diminuem ou suprimem o seu significado. Todas elas apresentam um aspecto contraditório entre o "valorizar e o desvalorizar", como fazem as atitudes cotidianas, ou entre o "desvalorizar e o valorizar", como faz a oficialidade.

Evidentemente que a atitude mais correta em relação ao saber filosófico — a quinta atitude — é considerá-la naquilo que tem de propriamente seu. Ou seja, assumir a filosofia no seu aspecto essencial de ser uma forma de entendimento necessário à "práxis" humana, rejeitando, assim, todos os subterfúgios, sejam eles de "polidez", de "blague", de "oficialidade", ou outros.

Leônício Basbaum expressa bastante bem o sentido da importância da filosofia na vida humana, dizendo:

Devemos repelir qualquer idéia de que a filosofia seja um quadro exposto à contemplação do homem, ou mesmo um entorpecente para mergulhá-lo em doces sonhos etéreos, enquanto esquece a realidade da vida e o mundo que há a fazer dentro dela. A filosofia é, antes de mais nada, em primeiro lugar e acima de tudo, "uma arma", uma ferramenta, um instrumento de ação com a ajuda da qual o homem conhece a natureza e busca o conforto físico e espiritual para a vida. Se o homem realmente se destaca dos outros animais

pela amplidão e profundidade do seu pensamento, se tudo o que ele realizou, desde que, saindo da selvageria, começou a construir o que chamamos de civilização, foi a concretização desse pensamento que, evoluindo, se transformou, através do tempo e do espaço. Não há dúvida de que esse pensamento, mobilizando os dedos de sua mão, é sua principal arma na conquista da natureza e, portanto, de sua liberdade.²

Assim, a nosso ver, a verdadeira compreensão do significado da filosofia implica assumi-la como uma forma de entendimento da realidade que coloque nas mãos do ser humano uma orientação, um direcionamento para a sua ação. Ela é de fundamental importância para a vida de todos os indivíduos, como seres humanos que desejam encontrar um sentido para o seu agir.

No que se segue, vamos tentar definir a filosofia a partir desse último ponto de vista.

2. O que é a filosofia

Desde que recusamos as formas implícitas ou explícitas de diminuir ou alijar a importância da filosofia e afirmamos o seu efetivo significado para a vida humana, importa, agora, conseguirmos esclarecer o que ela é, como ela pode ser compreendida.

Jaspers — em seu livro *Introdução ao pensamento filosófico* — compreende a filosofia da seguinte maneira:

Seja a filosofia o que for, está presente em nosso mundo e a ele necessariamente se refere.

2. Basbaum, Leônicio. *Sociologia do materialismo*. São Paulo, Simboto, 1978, pp. 302-3.

Certo é que ela rompe os quadros do mundo para lançar-se no infinito. Mas retorna ao finito para, aí, encontrar o seu fundamento histórico sempre original.

Certo é que tende aos horizontes mais remotos, horizontes situados para além do mundo, a fim de ali conseguir, no eterno, a experiência do presente. Contudo, nem mesmo a mais profunda meditação terá sentido se não se relacionar à existência do homem aqui e agora.

A filosofia entevê os critérios últimos, a abóbada celeste das possibilidades, e procura, à luz do aparentemente impossível a via pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica.³

Esse pensador nos mostra que a filosofia é uma forma de compreender o dia-a-dia da história, a cotidianidade do mundo, os seres humanos com suas aspirações, desejos, grandezas e misérias; essencialmente, ela é a "via pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica". Ainda que a filosofia conserva entendimentos da realidade que possam parecer abstratos, eles, de fato, expressam a vida de forma pensada; expressam o concreto de forma pensada. Eles nascem da realidade e, para abarcá-la na sua universalidade, necessitam ultrapassá-la, formulando compreensões que se universalizem. Ou seja, a filosofia reflete sobre os dados concretos do dia-a-dia; porém, para cumprir o seu papel, necessita descolar-se dessa realidade empírica para, no nível do pensado, desindá-la e, assim, possibilitar ao ser humano uma orientação para a sua prática. Desse modo, e tão-somente desse modo, é que a filosofia pode ser significativa para o ser humano, individual ou coletivo. Pensando o concreto, ela cons-

3. Jaspers, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 138.

títui um entendimento coerente e crítico que possibilita o direcionamento da ação prática cotidiana. Dessa maneira, ela "dá forma" à ação.

No dizer de Leônício Basbaum,

... a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão. Por vezes, através de uma simples atividade prática, outras vezes no fundo de uma metafísica profunda e transcendental, mas sempre dentro da atividade humana, física ou espiritual, há filosofia... A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, ele não se alimenta de filosofia, mas, sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia.⁴

É exatamente isso que Georges Politzer diz quando define a filosofia como "uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir".⁵ No caso, o pensamento filosoficamente constituído é uma forma coerente e sistematizada de compreender o mundo, possibilitando, conseqüentemente, um modo coerente e articulado de agir.

Todos têm uma forma de compreender o mundo, especialistas e não-especialistas, escolarizados e não-escolarizados. Ela é uma necessidade para o ser humano, pois ninguém age nem pode agir sem saber "para onde" e "por que" vai. Só se pode viver e agir a partir de um entendimento do sentido e do significado do mundo e da realidade. Pertence à racionalidade humana buscar um sentido para sua vida e sua forma de agir. Todos vivem a vida com um significado, e muitos a buscam,

4. Basbaum, Leônicio. Op. cit., p. 21.

5. Politzer, Georges. *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo, Hemus, 1979, p. 15.

criticamente. Isso independentemente de tendências e credos.

Esse fato é tão verdadeiro que, de um lado, encontramos obras filosóficas, construídas historicamente, por pensadores das mais variadas tendências; de outro lado, encontramos todas as pessoas procurando um sentido para suas vidas. Vivemos e agimos a partir de um sentido, que normalmente se coloca como uma finalidade à nossa frente.

Arcângelo Buzzi expressa, em seu livro *Introdução ao pensar*, a universalidade de a filosofia ser necessária para a vida humana da seguinte forma:

... consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, quem vive possui uma filosofia, uma concepção do mundo. Esta concepção pode não ser manísta. Geralmente, ela se aninha nas estruturas inconscientes da mente. De lá, ela comanda a vida, dirige-lhe os passos, norteia a vida. A vida concreta de todo o homem é, assim, filosofia. O camponês, o operário, o técnico, o artista, o jovem, o velho, vivem todos de uma concepção do mundo. Agen e se comportam de acordo com uma significação inconsciente que em prestam à vida. Neste sentido, pois, pode-se dizer que todo homem é filósofo. Não podemos, porém, dizer que todo homem é filósofo no sentido usual da expressão.⁶

De fato, todos vivem a partir de um direcionamento significativo do mundo e da vida, mas nem todos poderão ser chamados de filósofos; nem certa significação inconsciente que dá alguma direção para o agir cotidiano das pessoas pode ser chamada propriamente de filosofia. O que se pode dizer, com propriedade, é que todos vivem a partir de significações, seja de forma mais cons-

6. Buzzi, Arcângelo. *Introdução ao pensar*. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 8.

ciente, seja de forma menos consciente. Contudo, a filosofia, propriamente dita, é tão-somente uma forma consciente e crítica de pensar e de agir. A última frase de Arcângelo Buzzi lembra bem esse fato; genericamente, todos são filósofos porque vivem significações; especificamente, alguns são filósofos porque estudam, refletem e vivem significações.

A filosofia como forma consciente e crítica de compreender o mundo e a realidade não se confunde, de forma alguma, com o fato de estar "investido" inconscientemente de valores adquiridos a partir do "senso comum". O próprio Arcângelo Buzzi acrescenta ao entendimento anterior o seguinte:

A palavra filósofo ficou reservada para aqueles que consciente e deliberadamente se põem a filosofar. Escolhem um todo, sistematizam os conhecimentos obtidos, arquitetam um sistema interpretativo da realidade. Filósofo é, então, aquele que diz em conceitos e em linguagem apropriados a experiência do ser. Os conceitos e linguagem não estão à margem do vivido. A filosofia vazada na linguagem conceitual é profundamente solidária com a vida, com a existência. Ela marca o desejo, a ansia que o homem tem de elucidar a sua circunstância existencial.⁷

Deste modo, o ideal da filosofia não será, de modo algum, manifestar-se como uma forma inconsciente de compreender e orientar a ação; o seu objetivo, pelo contrário, é ser um modo consciente e crítico de pensar e direcionar a vida. Quanto mais consciente e livre for o ser humano, a partir da própria circunstância social e histórica em que vive, tanto mais coerente e sistemática será a sua filosofia. O fato de se ter um comprometi-

7. Idem, p. 9.

mento inconsciente com valores que dêem sentido e direcionem a vida, do ponto de vista filosófico, só tem o mérito de nos demonstrar que não se pode passar a vida sem estar envolvido com os princípios fundamentais da ação. O pensar em nível de senso comum, para vir a ser filosofia, deverá ganhar outro patamar de criticidade, coerência. A filosofia possui um patamar de reflexão completamente diferente daquele que possui o senso comum. Para compreender isso, basta recordar o que já estudamos em capítulo anterior sobre esse tipo de conhecimento.

Antonio Gramsci — pensador italiano — nos alerta para o fato de que produzir a crítica da forma comum e cotidiana de pensar torna-se uma necessidade para a construção de uma compreensão filosófica no seu verdadeiro sentido. Ele nos diz:

Criticar a própria concepção de mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até um ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar, também, toda a filosofia existente até hoje, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular.⁸

O objetivo da filosofia e do seu exercício, para Gramsci, é que se busque elevar a compreensão do senso comum para uma compreensão elaborada, possibilitando a construção de uma "concepção de vida superior".⁹

Aqui cabe perguntar qual é o objeto primeiro da reflexão filosófica. Vimos falando e dizendo que ela se constitui em um tipo de conhecimento que dá sentido

8. Gramsci, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 12.

9. Idem, p. 20.

e orienta a vida humana. Todavia, como ela faz isso, e a partir do quê?

A filosofia tem por objeto de reflexão os sentidos, os significados e os valores que dimensionam e norteiam a vida e a prática histórica humana. Nenhum indivíduo, nenhum povo, nenhum momento histórico vive e sobrevive sem um conjunto de valores que significam a sua forma de existência e sua ação. Não há como viver sem se perguntar pelo seu sentido; assim como não há como praticar qualquer ação, sem que se tenha que perguntar pelo seu sentido próprio, pela sua finalidade. É claro que alguém poderá viver pelo senso comum, entranhado em seu inconsciente, sem se perguntar conscientemente pelo seu efetivo significado. Já falamos nisso, porém essa não é uma conduta filosófica, como já temos reiterado anteriormente. A filosofia e o exercício do filosofar implicam uma pergunta explícita e consciente pelo sentido e significado das coisas, da vida e da prática humana.

Sobre isso, o padre Vaz nos diz:

A filosofia é a resposta que uma sociedade traz à dupla exigência de refletir criticamente e de se explicar teoricamente quanto aos valores e representações que tornam inteligíveis, ou pelo menos aceitáveis, para os indivíduos que nela vivem um modo de ser, isto é, um modo de viver e de morrer, de imaginar e de co-nhecer, de amar e de trabalhar, de mandar e de obedecer etc., que constitui o legado da tradição, e que os indivíduos devem assumir e, de fato, já assumiram antes mesmo de poder responder por ele, ou justificá-lo diante da própria razão.¹⁰

10. Vaz, Henrique Lima. *A filosofia do Brasil, hoje*. *Cadernos da SEAF*, 1978, v. 1, n.º 1, p. 7.

Ou seja, a filosofia trata dos fundamentos últimos que dão sentido ao existir humano na história. Não se faz ciência nem educação, não se faz economia nem religião, não se faz política nem se vive familiarmente, não se ama nem se odeia, não se é honesto nem desonesto, assim como não se praticam todas as outras atividades e condutas humanas sem buscar o seu sentido.

Para aprofundar esse entendimento da filosofia, vamos nos valer da citação do pensamento de alguns autores.

Os filósofos exprimem sempre, em cada instante — nos alerta Leônicio Basbaum — o pensamento de um grupo social, classe ou povo a que pertencem. Eles são os teóricos, os que explicam e interpretam os seus desejos, as tendências e as reivindicações desses grupos, classes ou povos.¹¹

O ato de filosofar versa sobre o ato de viver — escreve Arcângelo Buzzi. A filosofia é história. Por outro lado, isso não significa que a história, que o puro viver seja anterior à filosofia. Não há anterioridade da filosofia sobre a história nem da história sobre a filosofia. O ato de viver já está posto na percepção do ser, a vida é filosofia. Ao filósofo só resta extrair essa filosofia, dizer o pensamento pressuposto de um tal viver, indicar a partir de qual horizonte, de qual dimensão, um tal viver se constitui.¹²

As idéias ou os princípios dos homens — nos diz G. Plekhanov — provêm da experiência, quer se trate de princípios especulativos, quer dos princípios práticos ou princípios de moral. Os princípios morais variam segundo os tempos e os lugares. Quando os homens condenam uma determinada ação é porque ela os pre-

judica; quando a enaltecem, é porque ela lhes é útil. O interesse (não o interesse pessoal, mas o interesse social) determina, assim, os julgamentos do homem no domínio da vida social.¹³

Sendo a filosofia a interpretação da experiência humana no aqui e agora, da experiência histórica dos indivíduos e dos povos, ela é também orientação para o futuro da vida em sociedade. É isso o que nos diz Basbaum no texto que se segue:

A filosofia é a concretização de um espírito ou de uma idéia que surge como consequência das necessidades de uma época ou uma classe, em geral de ambas as coisas. Ela se encarrega de justificar este espírito pela experimentação ou pela razão, no sentido de demonstrar a verdade desse conceito. É seu papel, ainda, difundir-la e propagá-la. Sofrendo a influência da história, ela se encarrega de, por sua vez, influenciar e orientar o curso da história de acordo com o interesse dos inventores ou criadores e propagadores dessas idéias.¹⁴

Desta maneira, a filosofia não é tão-somente a interpretação do "já vivido" ou "daquilo que se está vivendo", ela é também, e principalmente, interpretação das aspirações e anseios dos povos, na medida em que a filosofia se destina a estabelecer fundamentos e direcionamentos para a "práxis".

Aqui, a filosofia manifesta-se como impulsionadora da ação, tendo em vista a concretização de determinadas aspirações dos seres humanos, de um povo ou de um agrupamento humano. Nesse sentido, ela é uma força

11. Plekhanov, G. *Concepção materialista da história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 20.

12. Basbaum, Leônicio. Op. cit., p. 315.

11. Basbaum, Leônicio. Op. cit., p. 53.

12. Buzzi, Arcângelo. Op. cit., p. 126.

mobilizadora da ação, é o sustentáculo de um modo de agir. Aliás, esta é a idéia que vimos apresentando como compreensão do que seja a filosofia.

A filosofia, como já dissemos [confirma Basbaum —], não é apenas um instrumento para a compreensão do mundo e interpretação dos seus fenômenos. É também um instrumento de ação, uma arma política e, como tal, tem sido utilizada, em todos os tempos, consciente ou inconscientemente.¹⁵

Em síntese, podemos afirmar que a filosofia é uma forma crítica e coerente de pensar o mundo, produzindo um entendimento de seu significado, formulando, dessa forma, uma concepção geral desse mundo, uma cosmovisão da qual decorre uma forma de agir. A filosofia, por meio da compreensão que produz, constrói uma fonte permanente e crítica da significação e direcionamento da "práxis".

O exercício do filosofar é importante, como temos visto, e implicará que cada um de nós, individual e coletivamente, que deseja refletir filosoficamente, tome em suas mãos as significações corriqueiras da existência humana e lhes dê uma significação crítica e consciente. Esse será o assunto do nosso próximo capítulo, quando estaremos discutindo a questão metodológica do exercício do filosofar.

15. Idem, p. 33.

CAPÍTULO 5

Origem e formação das idéias filosóficas: questões metodológicas e históricas

Compreender como as idéias filosóficas surgiram, de onde vieram e como se desenvolveram, constituiu-se, ao longo do tempo, em sério problema para pensadores e estudiosos.

A tarefa torna-se mais difícil na medida em que tentamos acompanhar a trajetória de uma idéia, desde a sua elaboração até a sua vigência, em razão da trama das relações sociais e históricas nas quais ela está inserida.

Acresce-se a isso a intenção de compreender o que determinadas idéias significaram para um dado momento, assim como as razões pelas quais algumas dessas idéias foram aceitas e outras, rejeitadas.

Para tentar algum desvendamento dessas questões, pelo menos duas temáticas terão que ser tratadas. De um lado, temos que nos dedicar a entender a questão metodológica do exercício do filosofar e, por outro lado, compreender a constituição histórica dessas idéias, ou, mais precisamente, suas articulações com a sociedade e a época em que emergiram.

Neste capítulo, vamos avançar um pouco sobre as discussões efetivadas no capítulo anterior, no sentido de que, lá, elucidamos um conceito de filosofia e, aqui, vamos discutir a questão de como as idéias filosóficas são criadas metodologicamente e de como elas se manifestam em suas articulações histórico-sociais. Por esta razão, colocamos no título deste capítulo os termos "origem" e "formação das idéias", querendo, com isso, indicar que pretendemos discutir a origem e a formação das idéias tanto do ponto de vista de sua origem e elaboração formal, como discuti-las do ponto de vista de sua origem e formação articuladas com a história e a sociedade. Em síntese, vamos discutir a emergência individual e a emergência coletiva das idéias filosóficas.

No capítulo anterior tivemos a oportunidade de verificar o quanto a sociedade, por diversos mecanismos — tais como considerar a filosofia "castelo de idéias", "saber para poucos" etc. — tenta tornar a filosofia um saber inútil. No entanto, pudemos constatar que esta é uma forma de tentar subtrair o significado da filosofia, exatamente para reduzir o seu potencial crítico.

De fato, o saber filosófico trata do cotidiano dos seres humanos em sociedade, buscando investigar o seu sentido e o seu papel. Desse modo, quando trata dos assuntos e temas, mesmo da forma mais abstrata, tem articulações e fundamentação na realidade concreta e só faz sentido como um saber que se voltará para o concreto, oferecendo-lhe, sob a forma de visão do mundo, um direcionamento para a *práxis*.

E, sendo uma concepção de mundo, a filosofia cumprirá bem o seu papel de norteadora da *práxis* humana, na medida em que ultrapasse os limites individuais de autores e estudiosos acadêmicos e dê forma ao modo de pensar e de ser da multidão, das grandes massas. O poder do pensamento filosófico está na pos-

sibilidade de direcionar o sentido e o significado do cotidiano da coletividade social.

É dentro desse quadro que desenvolveremos este capítulo.

1. A questão do método em filosofia

1.1. Exemplos históricos do exercício do filosofar

A questão metodológica do conhecimento tem sido tratada, de maneira relevante, em todos os campos da construção do saber. A ciência moderna tem, permanentemente, discutido essa questão, imprimindo-lhe um valor decisivo e a filosofia, por sua vez, ao longo de sua história, vem praticando diferentes sistemáticas de construção de suas idéias.

Garcia Morente nos diz, em seu livro *Fundamentos de filosofia*, que foi a partir do século VI a. C., com Sócrates, que surgiu a prática sistemática do filosofar com o surgimento de um método em filosofia.¹

O modo de exercitar o filosofar em Sócrates continha duas partes: a primeira denominava-se "ironia", que, em grego, possui o significado de *perguntar* e que tinha por objetivo questionar o *entendimento comum* que os interlocutores de Sócrates tinham dos fenômenos, fatos e acontecimentos do dia-a-dia individual e coletivo. O seu filosofar era feito por meio do diálogo com diversos interlocutores e o objetivo era fazer com que esses interlocutores chegassem à verdade, fazendo-a emergir de dentro de si mesmos. Para isso, era preciso questionar os entendimentos comuns que encobriam a

1. Cf. Garcia Morente, Manuel. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1976, p. 41.

verdade. Então, a "ironia" era a forma pela qual ele, no diálogo, ia questionando o interlocutor até sentir que os seus entendimentos do mundo e da realidade eram muito frágeis.

O segundo passo do exercício do filosofar, para Sócrates, era a "maieutica", palavra grega que significa *parto*. Sócrates dizia ter herdado esse processo de sua mãe, que era parteira. Enquanto essa trabalhava para que as mulheres dessem à luz filhos físicos, ele trabalhava para que seus interlocutores dessem à luz idéias verdadeiras, conceitos universais. A pretensão de Sócrates era chegar à verdade, que se compunha de um mundo de conceitos universais, coerentes e moralmente honestos. O objetivo último do filosofar — pelo meio do diálogo irônico e maieutico — era buscar a verdade universal, verdade essa que, por ser verdade, direcionaria a prática moral dos seres humanos.

Platão, que foi discípulo de Sócrates, modificou o método do mestre, chegando a uma dialética. O que significa a dialética platônica, como método de filosofar? Significa a retomada da maieutica socrática, acrescentando a contraposição, em que as intuições vão sendo contrapostas até que se chegue a um ponto mais aproximado das essências ideais. Seria o modo pelo qual o entendimento iria do mundo sensível para o mundo das idéias, que, em Platão, é o mundo das essências e, por isso mesmo, o mundo do verdadeiro.

Em Aristóteles, o exercício do filosofar caminhou pelo exercício lógico. Ele procedia por meio do encadeamento de proposições lógicas, ou seja, de raciocínio dedutivo, tendo em vista chegar à verdade. Aristóteles formulava, inicialmente, proposições universais que eram assumidas como verdadeiras e, a partir daí, deduzia tantas outras proposições coerentes com a primeira, de tal forma que se a primeira (a premissa)

fosse verdadeira, todas as que dela fossem deduzidas, também, seriam verdadeiras. É um método de filosofar que vai das considerações genéricas para as específicas.

Na Idade Média, há uma retomada das formas de filosofar da antiguidade grega. Santo Agostinho retomou, em parte, a perspectiva socrática e platônica da busca da verdade dentro de si mesmo. Para ele, a verdade está dentro de cada um, em sua alma. Então, há que dialogar consigo mesmo para, na alma, encontrar a verdade eterna, que é Deus. Daí por que Santo Agostinho possui uma obra que se intitula *Soliloquium*, que nada mais quer dizer do que o diálogo consigo mesmo. O diálogo de cada um com sua alma, tentando descobrir, no íntimo dela, a própria verdade, que, para ele, coincidia com Deus.

De outro lado, Tomás de Aquino retomou os cursos metodológicos de Aristóteles, tendo sempre, por objetivo, constituir uma verdade universal da qual se deduziriam outros tantos argumentos que seriam verdadeiros. Procedeu sempre por um *suposto debate* entre opositores.

As teses, que estão desenvolvidas em seus escritos — e são muitíssimas —, procedem mais ou menos da forma como se descreve a seguir. Em primeiro lugar, apresenta uma proposição em forma duvidosa. Por exemplo: "Parece que Deus é verdadeiro". Ele não diz, de início, que Deus é verdadeiro, mas sim que "parece" que ele é verdadeiro. A seguir, esclarece o que está querendo entender com essa proposição e chama a isso de cabeça (*caput* em latim) da tese. Subseqüentemente, elenca os argumentos tanto daqueles que se opõem à afirmação de que Deus é verdadeiro quanto daqueles que concordam com a idéia de que Deus é verdadeiro. No quarto passo do método, discute os acertos e os erros tanto das afirmações a favor como das afirmações

contra a proposição, chegando, evidentemente, a uma conclusão, conclusão essa que, sempre, é apresentada como a afirmação da proposição inicial sob o seu aspecto positivo. O que parecia ser uma dúvida passa a ser uma verdade. Então, aí está a verdade. Agora, basta deduzir outras verdades dessa que fora *demonstrada*. Produzem-se, então, os *corolários*, como verdades deduzidas da conclusão e os *escólios*, que são discussões de temas que podem estar articulados com a conclusão. Portanto, Tomás de Aquino utiliza-se de uma aparente *disputa* entre opositores, para chegar a uma conclusão, que admite como verdadeira e que, por isso, lhe possibilita deduzir conseqüências logicamente encadeadas. De fato, o autor age a partir de uma suposta dúvida que, desde o início, era uma certeza para ele.

Na Idade Moderna, a partir das considerações e proposições de Descartes, a questão metodológica passou a assumir papel fundamental tanto para a filosofia como para a ciência (denominada moderna). A sociedade moderna emergiu, necessitando de novos métodos do conhecer, devido ao fato de o conhecimento tornar-se para ela questão capital, tendo em vista a obtenção de novos mercados e a conquista de novos espaços geográficos. "Conhecer é poder", afirma Francis Bacon, em seu livro *Novum organon*, escrito no século XVII.

O recurso metodológico proposto por Descartes é a *direita metódica* sobre todas as afirmações, até encontrar um *ponto de apoio*, a partir do qual as afirmações, as verdades, poderiam ser assumidas como fundamentadas. Não se poderia acreditar pura e simplesmente em afirmações universais que não fossem demonstradas a partir de um ponto de apoio que não pudesse ser questionado. Esse ponto de apoio seria a única certeza possível, ao qual se chegaria depois de duvidar de todas as coisas. Essa certeza, para ele, se resumiria em uma

intuição de que "enquanto estivesse duvidando, teria a certeza de que estava existindo". É a famosa intuição de Descartes, apresentada tanto na obra *O discurso do método* como nas *Meditações metafísicas*, sob a fórmula: *cogito, ergo sum*. A partir dessa certeza, metodologicamente investigada, poderia ele, como poderiam outros, avançar para a construção de um sistema de entendimento do mundo, com correção e objetividade, sem os fantasmas dos conhecimentos abstratos, anteriormente estabelecidos (antigos e medievais). Descartes, desse modo, coloca o sujeito do conhecimento no centro do processo de conhecer.

O método tornara-se tão importante na modernidade que Garcia Morente chega a afirmar que antes, na Antiguidade e na Idade Média, tendo-se obtido a intuição, desenvolvia-se o processo metodológico de construção do conhecimento, mas que, agora, na modernidade, o método é instrumento para se obter a própria intuição ou o entendimento.²

Na verdade, é o próprio processo de conhecimento que toma uma nova direção, ao compreender o papel do sujeito no ato de conhecer. Com isso, as verdades estabelecidas sofrem um descrédito e o mundo, como dado, passa a ser questionado.

Poderíamos prosseguir por essa trilha, buscando expor como outros autores do pensamento moderno e contemporâneo encaminharam a questão do método no conhecer, especialmente no conhecer filosófico, que é o tema que por ora nos interessa. Porém, vamos interromper essa saga e tentar explicitar um caminho metodológico que consideramos significativo para o exercício do filosofar, que todos nós podemos e devemos praticar.

2. Idem, p. 42.

1.2. Um caminho para o exercício do filosofar

A proposta metodológica para o filosofar que vamos apresentar a seguir está basicamente fundamentada nas proposições de Antonio Gramsci, no livro *Concepção dialética da história*. Ai, o autor demonstra que popularmente todos são filósofos, na medida em que todos pensam, ainda que fragmentariamente. Para ele, porém, é preciso elevar esse entendimento a um patamar coerente e orgânico, para que efetivamente ele possa ser denominado crítico. Patamar esse que é propriamente o patamar do pensamento filosófico, sistemático, orgânico e coerente.

Dissemos, em capítulo anterior, que a filosofia é uma forma crítica de ver o sentido e o significado do mundo e das coisas e que direciona a vida dos indivíduos e das coletividades.

Mas, como se opera o processo pelo qual se chega a essa concepção de mundo?

A partir das colocações de Gramsci,³ podemos dizer que são três os passos que deveriam ser dados para se sair do entendimento comum e chegar ao entendimento crítico do sentido do mundo.

Todos nós agimos, no dia-a-dia, por um entendimento fragmentário e, muitas vezes, incoerente sobre o mundo, a ação e as coisas. Porém, na medida em que é senso comum, é um entendimento que nasceu da vivência espontânea e não de uma elaboração crítica. Há, pois, necessidade de avançar para o nível crítico. É essa a trilha que Gramsci propõe como caminho para o pensamento filosófico.

³ Essa perspectiva de que são três os passos do processo do filosofar pode, de certa forma, ser encontrada também em Nietzsche, ao abordar a destruição e a emergência de novos valores; ver também Gerd Bornheim, *Introdução à filosofia*, Porto Alegre, Globo, 1971.

Em primeiro lugar, Gramsci nos faz acreditar que é fundamental assumir que todos os seres humanos são filósofos, no sentido de que todos pensam, como dissemos anteriormente. Ele nos diz:

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos especializados e sistemáticos. Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são "filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea", peculiar a todo mundo.⁴

Filosofia essa que se manifesta nas condutas cotidianas, no senso comum, na linguagem de um povo ou de um determinado grupo social.

Mas o próprio Gramsci considera que esse nível de entendimento filosófico é insatisfatório para o direcionamento da vida humana. Por isso, admite a necessidade de se saltar do nível do senso comum para um nível crítico de pensamento. E, então, nos diz:

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente (porque, inclusive na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na "Linguagem", está contida uma determinada concepção de mundo), *passemos ao segundo momento*, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível "pensar", sem distorcer consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isso é, "participar" de uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior... ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo

⁴ Gramsci, Antonio, *Concepção dialética da história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 11.

de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho próprio do cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente da produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?⁵

Assim, não basta reconhecer que todos somos filósofos, que cada uma das pessoas que compõem as camadas de uma sociedade tem uma filosofia. Trata-se disso também. Porém, muito mais que isso, trata-se de constituir um pensamento filosófico, que ultrapasse os limites da espontaneidade cotidiana do povo. O papel dos intelectuais, definidos por Gramsci como dirigentes orgânicos, é trabalhar para a elevação do patamar de entendimento cotidiano a um nível crítico de compreensão e de conduta dentro da sociedade. Não há que se impor uma nova concepção de mundo sobre a existente no cotidiano, mas há que se elevar a concepção comum ao nível crítico. Essa elevação se fará a partir do que ela tem de "bom senso", que nada mais é do que o núcleo válido do senso comum. Assim sendo, a filosofia não será uma reunião de regras e "bem-dizeres" populares, mas sim uma forma de pensamento que tem uma continuidade com o cotidiano, porque dele toma sua temática de reflexão, mas, que, ao mesmo tempo, também, rompe com ela na medida em que eleva-o para um patamar completamente novo de compreensão. Um patamar crítico.

Porém, como chegar a esse nível de entendimento? Gramsci vai apontando, aqui e acolá, esse processo. Em primeiro lugar, ele diz, que importa tomar consciência dos princípios do senso comum, que dimensionam nossa existência individual e coletiva.

5. *Ibidem*, p. 12.

O início — diz ele — da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um "conhece-te a ti mesmo" como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício do inventário. *Deve-se fazer inicialmente este inventário.*⁶

O inventário do senso comum é necessário, pois que é por ele e a partir dele que se pode iniciar o processo crítico do próprio entendimento do mundo e de subsequente formulação de um patamar de entendimento elaborado. Para tornar crítico e coerente o próprio pensamento, é preciso saber qual o pensamento que se possui. Assim sendo, o primeiro passo do filósofo é identificar os princípios do senso comum que dão sentido e razão de ser à nossa existência.

Feito isso, há que dar um passo à frente.

O inventário, pelo qual se inicia o filosofar, revelar-nos-á uma concepção de mundo insatisfatória e, para se chegar ao nível de filosofia crítica, deverá ser superada. Este inventário é insuficiente para manifestar-se como filosofia propriamente dita.

O problema é o seguinte — nos diz Gramsci —: qual é o tipo histórico de conformismo e do homem-massa do qual fazemos parte? Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e fragmentada, pertencemos, simultaneamente, a uma multiplicação de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens da caverna e princípios da ciência mais moderna e progressista: preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas e in-

6. *Op. cit.*

tuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano, mundialmente unificado.⁷

Esse inventário, que demonstra uma situação espontânea e fragmentária, onde existem elementos positivos e negativos da cultura, deverá ser crivado e transformado pela crítica. Então se dá o segundo passo do exercício do filosofar, que é produzir uma crítica sistemática da concepção fragmentária, ingênua e contraditória do mundo.

Criticar a própria concepção de mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e levá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial, mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar também toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratégias consolidadas na filosofia popular.⁸

A crítica da concepção comum de entendimento do mundo conduz, obrigatoriamente, ao terceiro passo do exercício do filosofar, que nada mais é do que o resultado do segundo: a construção de um entendimento coerente, orgânico e sistemático de compreender a realidade.

Essa tarefa é séria e exige ser desempenhada a partir de um compromisso com a busca da verdade. Verdade a partir de quê? Alcançada com que critérios? Este processo de construção do patamar, crítico de concepção do mundo inicia-se por aquilo que se encontra no cotidiano do próprio ser humano, ou seja, de sua realidade concreta, de suas aspirações, de seus desejos, de suas necessidades coletivas e individuais. A verdade filosófica é o desvelamento dos sentidos e significados

7. Op. cit.

8. Op. cit.

que o ser humano necessita dar à sua vida, individual, prática, coletiva.

Dessa forma, a filosofia — no dizer do padre Vaz — erige-se em um "Tribunal da Razão", que faz passar diante de si todos os valores e representações que dão significado à existência humana em um determinado momento da história. Quando os sentidos e os significados do cotidiano já não dão mais conta de compreendê-lo, explicitá-lo e direcioná-lo é porque eles estão em crise e merecem reavaliação. Daí o exercício do filosofar ser um permanente exercício de crítica aos valores e aos sentidos que se tornaram senso comum.

Com os passos anteriormente especificados, Gramsci propõe que a filosofia parta da experiência vivida, do cotidiano, seus desejos e aspirações, criticando-a e transformando-a em uma forma coerente de compreensão e entendimento.

A filosofia é um entendimento crítico da realidade, sempre em processo, *inventariando, criticando e reconstruindo* os próprios princípios. É, desse modo, um processo permanente de crítica dos valores, sentidos e significados da existência, da realidade, do mundo, da ação e da vida.

Cada um de nós, individualmente, poderá e deverá proceder permanentemente a esse exercício, se não pretendemos permanecer no nível do entendimento cotidiano, espontâneo, ingênuo e fragmentário. Esse exercício do filosofar não é tão complicado, como poderia parecer. Ele é até muito simples. Mas, para tanto, é preciso atenção permanente e esforço crítico, chegando, inclusive, à necessidade de uma aproximação com a filosofia sistemática, com os filósofos.

Os pensadores clássicos não podem ser desconstruídos, pois que foram eles que, ao longo do tempo, desenvolveram essa exercitação permanente de criticar

os sentidos e significados vigentes e comuns do seu tempo, tentando elevar a cultura e o conhecimento para um patamar novo. Temos muito a aprender com eles, seja quanto aos métodos da reflexão filosófica, seja, principalmente, quanto aos conteúdos de entendimento do mundo e da vida.

Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Marx, Sartre, e tantos outros — são milhares os nomes dos filósofos — fizeram esse caminho no seu processo de contribuição para o legado cultural da humanidade.

Historicamente, esse foi o caminho do filosofar. E esse é o caminho metodológico que está posto para o nosso pessoal exercício do filosofar.

Esse, também, foi o caminho do filosofar que as épocas históricas seguiram. O pensamento mitológico grego foi substituído pelo pensamento racional, exatamente a partir da crítica àquele pensamento feito pelos pensadores da época, sistematizando as aspirações dos grupos humanos daquele momento. Do mesmo modo ocorreu com a passagem do pensamento antigo para o medieval; do medieval para o moderno; do moderno para o contemporâneo... e assim por diante.

Então, o nosso esforço pessoal de exercitar o filosofar será a forma pela qual nós vamos tomar em nossas mãos os sentidos e as significações do mundo em que vivemos, analisando-os, criticando-os e, consequentemente, tornando-os “explicativas” para a nossa existência individual e coletiva.

Com ato semelhante, estamos nos somando às ondas daqueles que tentam captar e explicitar criticamente as aspirações de determinados grupos humanos e de determinados momentos históricos. A reflexão filosófica é produzida individualmente, mas ela reflete o universal da época e da sociedade em que vive o pensador.

2. Filosofia e história

2.1. Origem das ideias

Como vimos, a filosofia é uma atividade de crítica e de análise dos valores de uma dada sociedade, na perspectiva de reorientação dos sentidos e dos significados da vida e do mundo. Dessa forma, cada sociedade, em seu tempo, exercita essa prática, o que implica dizer que a filosofia é temporal e espacial, ou, simplesmente, histórica.

É comum existir, em um dado momento histórico, várias concepções filosóficas, ou seja, coexistem diferentes maneiras de entendimento e de explicações do mundo. Contudo, certamente existirá uma que terá a hegemonia sobre as demais, na medida em que ela responder melhor aos anseios e às aspirações do grupo humano e da época. Importa-nos saber o que determina a vigência de uma proposta filosófica diante de várias outras. A pergunta, propriamente, seria: que fator faz com que uma proposta filosófica se sobreponha a outras?

Para isso, é fundamental entendermos que o problema se inicia pela própria constituição do ser humano. Resultante de um processo de relações ativas entre a sua individualidade e os condicionamentos advindos da sociedade, bem como da natureza, o ser humano caracteriza-se como dialético e em constante devir. Agindo continuamente sobre a realidade, transforma-a, transformando-se a si mesmo, criando-se. Na medida em que o ser humano, pela sua atividade, cria novos espaços e abre novos horizontes — que, por sua vez, acarretam novas necessidades, novos anseios e exigem outros caminhos — também dá a si mesmo novos horizontes de vida e de ação. O ser humano, enquanto age, está se fazendo um novo ser humano, com novas perspectivas, novos instrumentos de ação, nova forma

de vida. Por isso, é histórico. Pela ação, é condicionador de transformações, assim como sofre as interferências condicionantes do próprio mundo que criou. Em seu modo de ser e em sua ação, o ser humano exprime as exigências da época histórica e do espaço onde existe; época histórica e espaço criados por ele de forma social e coletiva.

Pois bem, é o movimento histórico, constituído por lutas voltadas para atender às suas necessidades de sobrevivência e de liberdade, que indicará a concepção filosófica mais significativa e que predominará em um dado momento da história humana.

Nisso, vale ressaltar que o fator econômico, como se pode deduzir do que dissemos anteriormente, tem um papel importante. Considerando que as relações de produção, dentro de uma sociedade, condicionam todas as demais relações, a estrutura econômica atua condicionando os elementos da supra-estrutura cultural e espiritual da sociedade, de tal forma que as suas transformações geram transformações nas relações sociais, nas aspirações e nos desejos da sociedade.

Ao somatório de exigências vigentes em um determinado momento, emergidas e condicionadas por um determinado tempo e pelos determinismos da natureza, Leônicio Basbaum denomina "espírito de época", que orientará e alimentará as idéias de uma sociedade situada em espaço e tempo específicos.

O espírito de época — nos diz o autor — é o conjunto das aspirações, das idéias gerais, dos anseios e reivindicações de um grupo, de uma classe ou de um povo, em determinado momento de sua história.⁹

Dito isso, vemos que as idéias que vigoram em uma época não são idéias geradas individualmente por

9. Basbaum, Leônicio. *Sociologia do materialismo*. São Paulo, Símbolo, 1978, p. 326.

um ou outro filósofo, mas sim idéias que expressam as aspirações do tempo e do espaço em que viveu aquele filósofo. A vigência de uma filosofia não se funda no filósofo em si mesmo, mas sim no fato de ele conseguir expressar, de forma sintética, anseios e aspirações de um determinado momento. O filósofo profissional, de certa forma, seria aquele que conseguiria captar e expressar, de forma organizada, aquilo que a sociedade em que ele vive, gostaria de expressar. O fato de ele "dizer" o que todos sentem, faz com que o seu pensamento ganhe vigência.

Podemos dizer que essas idéias manifestadas e aceitas refletem uma tomada de consciência coletiva, pois representam, mesmo por meio de sistematização e explicitação de alguns ou de um único filósofo, o desejo e o pensamento de todos.

Desse modo, o filósofo, na medida em que vive em um determinado tempo e em uma determinada sociedade, manifesta ter tido uma sensibilidade suficiente para captar as aspirações e os anseios desse momento histórico e dessa sociedade.

2.2. Formação das idéias

Como nos indicou Leônicio Basbaum, todo pensar é um pensar contextualizado, circunstancializado. Existe, pois, uma estreita relação entre o pensamento e o momento histórico que o forçou.

Roberto Gomes, no seu livro *Crítica da razão tupiniquim*, nos diz que "por mais abstrato que possa parecer um pensamento, sempre traz em si as marcas do seu tempo e do seu lugar".¹⁰

10. Gomes, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. São Paulo, Cortez, 1980, p. 22.

Explicitamos, em passagem anterior, que o conceito de ser humano sofreu, ao longo do tempo, profundas transformações, a ponto do mesmo ser visto hoje como produto de um processo de relações ativas dentro da sociedade.

Cientes desse processo, torna-se compreensível o fato de não pensarmos da mesma forma e sobre as mesmas coisas que foram objetos de questionamentos de nossos antepassados, assim como se torna compreensível o fato de não quisermos direcionar nossas condutas a partir de interpretações de outros momentos históricos. Isso dá a entender que existem divergências sobre a maneira como interpretamos o mundo e a maneira como nossos antepassados o interpretaram. Ainda pode haver, e normalmente há, diferenças de interpretação em um mesmo momento histórico a partir de um ponto de vista de classe que se assuma, como fundamento da interpretação da realidade. Isso demonstra que há uma diferença, compreensível e justificável, entre diversas concepções filosóficas coexistentes em uma mesma sociedade.

É nessa perspectiva histórica (e, pois, dialética) que precisamos compreender o ser humano, enquanto um ser que age sobre a realidade e a transforma, criando um mundo à sua medida, ou seja, que atenda às suas necessidades.

A relação entre o ser humano e a realidade caracteriza-se por uma interação em que não apenas ele age sobre ela, mas também recebe dela condicionamentos que influenciarão sua constituição, principalmente no que diz respeito à constituição de sua forma de ser e suas idéias. O ser humano, desse modo, é condicionado e condicionador da história. Condicionado, enquanto nasce em um mundo dado, objetivo, exterior a ele, determinando-o; e condicionador, devido ao fato

de que esse mesmo mundo, que o condiciona, foi criado por ele, como ser coletivo e histórico. A realidade social é produzida e reproduzida pelo ser humano, ao tempo em que ele se produz e se reproduz.

O momento histórico, fator determinante na constituição do ser humano, é formado pelas lutas dele mesmo em busca da satisfação de suas necessidades. Tais necessidades, que, de início, são determinadas pela natureza, tornam-se, em seguida, orientadas de maneira social e nisso as forças produtivas exercem um papel de fundamental importância. Inicialmente, essas forças produtivas dão suporte à constituição da sociedade em classes e o conseqüente surgimento de interesses antagonicos entre elas; subseqüentemente, ocasiona modificações nas relações sociais, nos valores, nas instituições.

Leôncio Basbaum assim explica:

... a produção material dos homens, ou seja, as relações de trabalho, determinam as características sociais, a organização da família, a estrutura do Estado e todas as manifestações da supra-estrutura social, como a religião, a arte e a cultura em geral.¹¹

Desse modo, entendemos que o modo de produção da vida material é o responsável fundamental ou condicionador de toda a vida espiritual (entenda-se por espiritual a produção cultural da sociedade).

Assumindo a determinação básica que as relações econômicas exercem sobre as formas de consciência dos homens, ou seja, do estrutural sobre o supra-estrutural, não podemos desconhecer a importância dos sentimentos e das idéias predominantes em um determinado

11. Basbaum, Leôncio. Op. cit., p. 220.

tempo e espaço, como condutores e orientadores das práticas socialmente exercitadas. É a função das ideologias sobre as consciências e, concomitantemente, sobre a ação dos seres humanos em sociedade. As idéias adquirem certa autonomia e, por isso, podem ganhar força material.

Existe uma interação entre pensamento e ação, entre teoria e prática, uma orientando o "fazer" da outra, criando o espírito de época, que, por si, manifesta o "tom" daquele momento. É neste sentido que Gramsci afirma:

A filosofia de uma época histórica, portanto, não é senão a história desta mesma época, não é senão a massa de variações que a classe dirigente conseguiu determinar na realidade precedente; neste sentido, história e filosofia são inseparáveis, formam um "bloco".¹²

Com isso, não podemos afirmar que o ser humano é apenas presente com o presente, pois sabemos que no presente se acha consolidado o passado e delineado o futuro.

Essa consciência histórica é imprescindível ao avaliarmos as posturas dos indivíduos em um dado momento do tempo, sem contudo, perder de vista que cada época se acha envolvida por características próprias, peculiares à sua situação presente e que, vivendo essa realidade, o ser humano traduz em suas idéias e em seus atos as características daquele momento.

Para dirimir e consolidar essa realidade histórica, a natureza humana exerce um papel importante: sendo o homem um ser social, compulsoriamente passa a fazer parte de uma sociedade e a receber dela uma carga

de valores que irá modelar o seu comportamento. Na infância, esses valores serão aceitos de forma espontânea, pela própria condição de imaturidade do indivíduo; em seguida, serão automatizados pelos condicionamentos sociais.

Apesar do que foi dito, a propagação de idéias requer determinadas condições. Para que uma idéia se propague, faz-se necessário um desgaste das anteriores a ponto de não mais representarem os interesses e aspirações do momento, e isso, como sabemos, é um processo lento, uma vez que é também de forma lenta que se acentuam os obstáculos gerados por antigas normas sociais.

Tomando as idéias como resultantes das relações do ser humano com o seu momento histórico e com o seu ambiente, torna-se inviável querer imprimir imediatamente qualquer idéia em qualquer tempo e em qualquer lugar, pois elas não ganharão vigência. Nenhuma sociedade se põe os problemas que ela ainda não pode resolver, nos diz Marx.

Qualquer que seja o nível do pensamento, seja no campo do senso comum, seja no campo científico ou no campo filosófico, ele é temporal e espacial, o que quer dizer que ele é constituído pelas preocupações de uma época; nasce e renasce impulsionado pelos acontecimentos objetivos do mundo e da sociedade em que se dá.

12. Gramsci, Antonio. Op. cit., p. 16.